

Consumo sobe as favelas

Pesquisa revela: morros cariocas têm mais classe média que Região Metropolitana

Dimmi Amora

Nas favelas do Rio de Janeiro os moradores tornaram-se consumidores mais rapidamente do que no Estado do Rio e no país. Um levantamento socioeconômico feito pelo Instituto de Pesquisa Favela, Opinião e Mercado, do Instituto Superior de Estudos da Religião (Isler), mostrou que apenas 0,9% dos moradores de favela estão em situação de miséria (fora das classes de consumo), enquanto na Região Metropolitana o número é de 2%, dos habitantes e no país é 4%. Na favela há mais pessoas na classe média e menos na classe alta do que na média das regiões metropolitanas do país e do Rio.

O levantamento do Isler é uma pesquisa padrão do mercado publicitário para definir as classes de consumo. De acordo com os bens de consumo e com a escolaridade do entrevistado, ele ganha pontos e entra numa classe que vai de A (a mais alta) até E. Para fazer 30 pontos e chegar à classe A, é necessário ter pelo menos três televisores, três rádios, dois banheiros em casa, três automóveis, duas empregadas mensais, uma máquina de lavar, um videocassete, uma geladeira e curso superior completo.

— A pesquisa mostra que há um grande mercado consumidor na favela — disse Rubem Cesar Fernandes, do Isler, instituto que vai passar a fazer pesquisas específicas em favelas para o mercado publicitário com base nesses dados. — Isso vai melhorar o acesso dos mercados às favelas e trazer ainda mais desenvolvimento.

Escolaridade e renda ainda baixas

• Isoladamente, o resultado do levantamento de bens poderia mostrar até que a favela é mais rica do que a cidade. Comparando o levantamento feito pelo Isler e os dados do Censo 2000 do IBGE, há mais moradores nas favelas que têm geladeira, máquina de lavar, TV e videocassete do que no resto do país e do Rio. Entre os bens mais importantes, na favela só há menos carros. O perfil consumidor da favela impressionou Paulo Castro, diretor da criação da agência V&S, que vai produzir uma campanha publicitária para divulgar o levantamento do Isler.

— As grandes empresas iam para as favelas num voo cego. Esse tipo de pesquisa, que nunca foi feita por que havia preconceito, abre uma porta para novos negócios.

Apesar do bom perfil de consumo, a escolaridade na favela mostrou-se pior na comparação com o resto do estado e do país. Há mais pessoas com menos de sete anos de estudo e menos com mais de sete nas favelas que as médias nacional e estadual.

A renda, que não é considerada no levantamento, continua baixa na favela. A porcentagem de famílias com rendimento abaixo de um salário-mínimo é de 10,5% e 43,6% ganham entre um e três salários. Isso mostra que mais de metade (54,1%) dos moradores de favela vive com uma renda familiar menor do que R\$ 600 por mês. Segundo a Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar (PNAD) do IBGE de 1999, 40,1% dos lares urbanos do Brasil tinham renda até três salários-mínimos.

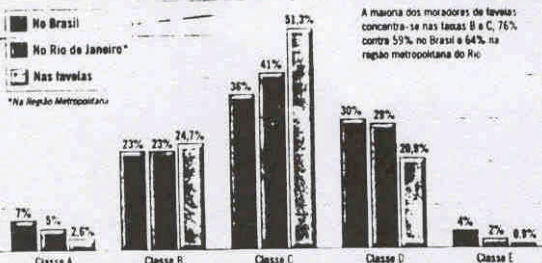
Famílias numerosas aumentam consumo

• Mas nas favelas já há 2,3% de famílias que recebem mais de dez salários-mínimos, 10,6% recebem de cinco a dez salários, e 33%, entre três e cinco salários. De acordo com dados do Censo 2000, levantados pelo IBGE, enquanto em média, o morador do asfalto recebe R\$ 1.533,74, na favela esse rendimento é de R\$ 352,41.

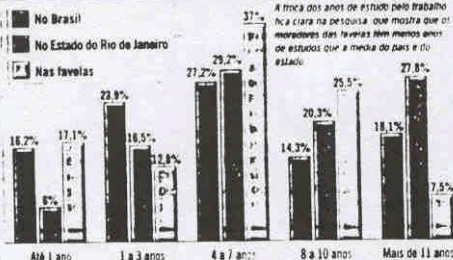
A explicação para, apesar da renda baixa, a população da favela ter acesso a bens de consumo está em outro dado da pesquisa. A classe em que a pessoa está depende menos da renda pessoal que do número de pessoas na família. Nas residências com mais de quatro moradores, o

Saiba mais sobre os perfis socioeconômicos

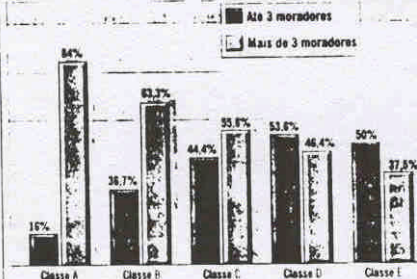
CLASSE SOCIAL



ANOS DE ESTUDOS



CLASSE SOCIAL POR RESIDENTES NAS FAVELAS



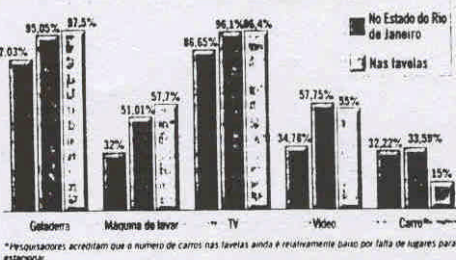
FONTE: Censo 2000/IBGE 2000; IUPERJ/Isler e IBGE Censo 2000/IBGE

O que é o levantamento do Isler

É uma pesquisa padrão do mercado publicitário para definir as classes de consumo. De acordo com os bens de consumo e com a escolaridade do entrevistado, ele ganha pontos e entra numa classe que vai de A, a mais alta, até E. A renda não é considerada.

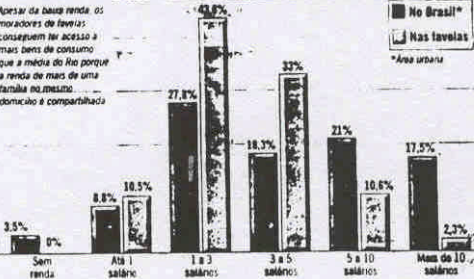
Bens	Até 1 ano	1 a 3 anos	4 a 7 anos	8 a 10 anos	Mais de 11 anos
TV em cores	0	1	2	3	4
Rádios	0	1	2	3	4
Banheiros	0	1	2	3	4
Automóveis	0	1	2	3	4
Empregada mensal	0	1	2	3	4
Máquina de lavar	0	1	1	1	1
Videocassete	0	1	1	1	1
Geladeira	0	1	1	1	1
Curso superior (ou parte do superior)	0	1	1	1	1

BENS



*Pesquisadores acreditam que o número de carros nas favelas ainda é relativamente baixo por falta de lugares para estacionar.

RENDA POR DOMICÍLIO



FONTE: Censo 2000/IBGE 2000; IUPERJ/Isler e IBGE Censo 2000/IBGE



ANDREA EM SUA CASA, na favela: bens comprados com a ajuda da família

Duas máquinas de lavar e um computador

• Lá vai a "metida a besta" descendo a ladeira. Esse era o comentário que as vizinhas de Andrea da Silva Amaral faziam quando ela descia o Morro do Cantagalo, em Ipanema, para estudar numa escola particular, graças a uma bolsa. Ela concluiu o ensino médio, chegou à universidade e subiu a ladeira do padrão de vida, mesmo ainda morando no Cantagalo. Já as vizinhas — Muitas daquelas meninas estão cheias de livros, sem estudo e procurando emprego. Tenho 343 fichas de desempregados e muitas vagas não podem ser preenchidas por causa da baixa escolaridade — lamenta Andrea, coordenadora do

Centro Comunitário de Deleza da Cidadania (CCDC) da favela.

Com o rendimento familiar na faixa entre cinco e dez salários-mínimos, Andrea está na classe de consumo alta. Muito do que tem em casa foi conseguido graças ao chamado compartilhamento familiar. Como mora no mesmo terreno que os pais, alguns bens são divididos. — Cada um pagou uma parte das duas máquinas de lavar. E eu comprei o computador — diz Andrea.

O levantamento socioeconômico do Isler mostra que 1% dos moradores das favelas cariocas já tem o curso superior completo

fora das áreas com melhor mercado de trabalho mantem a pobreza são os conjuntos habitacionais construídos na Zona Oeste do Rio. No mais recente, o Nova Septilva, com quase quatro mil casas, os moradores dependem da ajuda do Estado até mesmo para se alimentar. — A fome aqui ficou pior quando o governo retirou as cestas básicas — disse a presidente da associação de moradores, Beth Dalila.

Consumo e renda não são os únicos parâmetros para medir qualidade de vida. A falta de serviços públicos faz com que de acordo com o economista André Urani, da UFPA e do Instituto Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS), a qualidade de vida nas favelas seja em geral pior que

nas áreas urbanizadas. Para ele, a distorção de achar que favelados são necessariamente pobres pode ser a mesma que leva a classe rica do país a achar que é classe média. Segundo André, o problema é que a distorção gera um aparato de proteção social do Estado para pessoas que não são os realmente pobres, faltando assim recursos para erradicar a verdadeira pobreza.

De acordo com o PNAD de 1999, o 1% de mais ricos tem renda mensal de R\$ 2.183 por capita. Nos 10% mais ricos, essa renda tem média por capita de R\$ 521,48. Ricos se enquadram como classe média. Quem os ricos enxergam como pobres está próximo deles e os verdadeiros pobres nem são vistos — afirmou.